

O Original e a Cópia (sobre *O Homem Duplicado*, de José Saramago)

Sandra Ferreira¹ (UNESP/FCL-Assis)

RESUMO: Em *O homem duplicado*, José Saramago criou uma personagem, Tertuliano Máximo Afonso, que descobre ter um sócio, alguém que é seu retrato exato: mesmos rosto, corpo e voz. Dessa extraordinária igualdade, decorrem inquietações e confrontos que remetem ao tema da despersonalização. Valendo-se do consagrado *topos* literário do duplo, Saramago promoverá uma reflexão sobre a perda da identidade, de modo a revelar-se criador atento a um dos aspectos mais desumanos da sociedade globalizada, que, movida por uma cega ânsia de uniformidade, tende a dissolver as singularidades. Nesse empreitada, institui redes intertextuais reveladoras de seu discurso literário.

Palavras-chave: José Saramago; narrativa; alegoria; duplo; intertexto.

Seres secundários

Um professor de História do segundo grau, instado pelo colega, professor de Matemática, aluga uma fita de vídeo – o filme **Quem Porfia Mata Caça** – para dar fim à depressão que o subjugava. Típico produto da indústria de consumo, o filme é banalíssimo, mas um seu detalhe mudará para sempre a vida do professor Tertuliano Máximo Afonso, personagem de nome grandiloquente, mas de vida pacata. No filme, Tertuliano depara-se com seu duplo e esse acontecimento o coloca em empenhada busca pelo outro, o qual descobre chamar-se Daniel Santa-Clara, nome que se revelará o pseudônimo de António Claro.

É vasta a tradição do *topos* do duplo na trajetória literária ocidental. Plauto, Camões, Shakespeare, Molière, Stevenson, Wilde, entre tantos outros, escreveram variações sobre o velho tema de Anfitrião, o rei tebano cuja figura é usada por Júpiter para lhe seduzir a mulher, Alcmena, e gerar nela um filho: Hércules. Essa pode ser a primeira história sobre duas pessoas idênticas.

Tertuliano é um homem comum: profissional que cumpre seus deveres, filho respeitoso, pessoa com dificuldade de estreitar as relações interpessoais, sobretudo as amorosas. À medida em que a lente do narrador o vai revelando mais detidamente, uma característica sua ganha maior vulto: a grande dificuldade de tomar decisões, desde as mais simples (SARAMAGO, 2002, p. 16):

Tirou do armário três latas de diferentes comidas, e como não soube por qual decidir-se, lançou mão, para tirar à sorte, de uma incompreensível e quase esquecida cantilena de infância (...) um dó li tá, era demendá, um sulete colorete, um dó li tá. Saiu um guisado de carne, que não era o que mais lhe apetecia, mas achou que não deveria contrariar o destino (...) quando terminou, repetiu a cantilena com três migalhas de pão, a da esquerda, que era o livro, a do meio, que era os exercícios, a da direita, que era o filme. Ganhou Quem Porfia Mata Caça, está visto que o que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, nunca jogue as pês com o destino, que ele come as maduras e dá-te as verdes.

A personagem Daniel Santa-Clara, por sua vez, multiplica as nuances do duplo, pois trata-se de um ator, aquele que enverga máscaras e se multiplica na tela. Há, ainda, o fato de usar pseudônimo, artifício que o narrador associa imediatamente à heteronímia pessoana e sua fértil capacidade de gerar outros.

Idênticos na figura com que se apresentam ao mundo, estabelecerão entre si uma relação portentosa de rancor, ódio, visto ser insuportável para cada um deles saber-se o duplicado do outro. Daí para a conclusão de que um está a mais no mundo será um passo curto. **O homem duplicado**

acerca-se do tema do duplo como alegoria do problema com o qual a espécie humana se debate, qual seja, a necessidade de encontrar alternativas para a desumanização. Ao contrário do que ocorre em **Ensaio sobre a cegueira**, **A caverna** e **Ensaio sobre a lucidez**, cujas temáticas dialogam abertamente com problemas sociais, políticos e econômicos contemporâneos, **O homem duplicado**, à semelhança de **Todos os nomes** e **As intermitências da morte**, dialoga com a estrutura do caráter, as qualidades e os defeitos, as potencialidades humanas. A **O homem duplicado**, interessa o que Erich Fromm (s.d.) denominou o **sistema homem**. É por essa razão que Saramago adverte aos seus leitores, em entrevista à Folha, em 02/11/2002, sobre ser **O Homem Duplicado** um romance engajado, mas de um engajamento nada óbvio, talvez não perceptível à primeira leitura, mas posto no romance.

O tempo da narrativa é hoje, o das gigantescas e labirínticas metrópoles pós-modernas, mas não há indicação direta de qual seja, nem de qual a metrópole em que se movem os duplos. Pode ser qualquer uma da Terra, nas quais vigoram os ditames de uma sociedade mecanizada e cibernética, dedicada à máxima produção e consumo materiais, nas quais o ser humano tem se convertido em parte da maquinaria, com características que podem ser sumariadas como **passivo, não-vivo e com pouco sentimento**. Erich Fromm (s.d., p. 14) declara que:

... na ênfase unilateral dada à técnica e ao consumo material, o homem perdeu o contato consigo mesmo, com a vida. Tendo perdido a fé religiosa e os valores humanistas a ela ligados, ele se concentrou nos valores técnicos e materiais e perdeu a capacidade para experiências profundas, para a alegria e a tristeza que as acompanha.

A vida de Tertuliano Máximo Afonso é em tudo insípida e incolor, desde a comida enlatada até a relação amorosa vacilante e superficial que mantém com as mulheres. De Tertuliano, diz o narrador que é professor de História, "vive só e aborrece-se", sofre de depressão ou fraqueza de ânimo, casou-se sem saber porque o fez, separou-se do mesmo modo e considera a docência de história "uma fadiga sem sentido e um começo sem fim" (SARAMAGO, 2002, p. 10).

O traço de caráter mais fortemente assinalado é a falta de firmeza das decisões de Tertuliano Máximo Afonso. Pode-se entender por firmeza a "capacidade de resistir à tentação de se comprometer a esperança e a fé, transformando-as em otimismo vazio ou irracional". A firmeza é "a capacidade de dizer não quando o mundo quer ouvir sim" (FROMM, s.d., p. 28). A narrativa de **O homem duplicado** torna-se alegórica por valer-se do duplo para evidenciar o quanto as qualidades essenciais da vida, estagnadas, tendem a morrer. Saramago apanha poeticamente a grande mobilidade da existência humana em seus duplos, que ficam mais fortes ou mais fracos, mais sábios ou mais tolos a cada segundo em que tomam decisões. Em consequência, revela o quanto a indolência, a cobiça e o ódio podem ser alimentados ou não. Se alimentados, tanto mais fortes e imprevisíveis se tornarão. A conclusão reluzente da mirada alegórica é: o que é válido para o indivíduo é válido para a sociedade, pois nada, indivíduo ou sociedade, é extático, se não cresce, declina necessariamente.

1 O conflito da identidade

Sob o tema do duplo, conforme manifesto no romance em análise, ecoam as antigas oposições binárias que sempre deram o que pensar: o original e a cópia, o amor e ódio, o eu e o outro, a vida e a morte. O narrador de **O homem duplicado**, contudo, não pretende ser um porta-voz de soluções fáceis, nem tampouco predizer o futuro como um profeta ou como Cassandra, tantas vezes evocada no romance em tela, mas expressar, esteticamente, a voz de sua consciência para dizer que possibilidades vê. Alegoricamente, denuncia que o espírito destruidor, a atração pela

morte e o tédio são alternativas funestas para o amor pela vida, para a dificuldade de saber quem o ser humano é e o que sente.

O ser humano, transformado em coisa, é vítima do tédio. Caracteriza-se pela indiferença pela vida, é atraído pelo não-vivo, pelos métodos burocráticos em vez dos espontâneos, pela repetição em lugar da originalidade. Daí a via redentora, e inicialmente alvo de zombaria, representada pela proposta de ensino da História de diante para trás, do presente para o passado, feita por Tertuliano (SARAMAGO, 2002, p.80):

(...) falar do passado é o mais fácil que há, está tudo escrito, é só papaguear, conferir pelos livros o que os alunos escrevam nos exercícios ou digam nas chamadas orais, ao passo que falar de um presente que a cada minuto nos rebenta na cara, falar dele todos os dias do ano, enquanto se vai navegando pelo rio da História acima até às origens, ou lá perto, esforçar-nos por entender cada vez melhor a cadeia de acontecimentos que nos trouxe aonde estamos agora, isso é outro cantar, dá muito trabalho, exige constância na aplicação, há que manter sempre a corda tensa, sem quebra, Acho admirável o que acaba de dizer, creio que até o ministro se deixaria convencer pela sua eloquência, Duvido, senhor director, os ministros são lá postos para nos convencerem a nós.

Dessa lugar estimulante no qual se entrevê uma reverência pela vida, Tertuliano, afetado pela existência do duplo, será arrastado por uma disposição para jogar com a morte e essa circunstância revela que o perigoso jogo será, contudo, mais estimulante que sua enfadonha e desvitalizada sobrevivência como professor de História.

Tertuliano e Daniel arquitetarão seus jogos de varias maneiras: ora vence o lado de um, ora de outro, até apresentar-se o impasse após o qual ambos estarão perdendo. Como sugere a indagação obsedante de Tertuliano sobre os termos da existência do duplo, se a morte de um acarretaria a morte do outro, o leitor verá que, se qualquer um dos dois vence, é o fim de ambos. As regras do jogo o tornarão improvável. Ambos, devido a seus métodos e ao ódio que os move, abandonam o caminho da diplomacia, do diálogo como via de concessões mútuas, compromisso. A ação de ambos torna-se fanática em relação ao outro, porque é orientada pelo desejo de exclusão. Tertuliano tem suas fraquezas de caráter, mas é intimamente bom, enquanto Daniel Santa-Clara / António Claro é vigoroso, manipulador e cínico. A fraqueza moral de Tertuliano é acompanhada pela menor força física, o que o faz ser amplamente subjugado por António Claro. Duplos no corpo, possuem personalidades aparentemente inconfundíveis, mas mesmo isso pode ser posto em questão, no final aberto que o romance apresenta.

Tertuliano, passivo em função da fraqueza moral e física, cometerá uma falha trágica. No momento decisivo de seu confronto com o outro, será incapaz de dizer **não**, estilizando momentaneamente aquilo que diferencia o ser humano dos outros animais, segundo Fromm (s.d., p. 75): "sua capacidade de dizer não, pela sua asserção da verdade, do amor, da integridade, mesmo à custa da sobrevivência física".

Incapaz de negar os termos da vingança sórdida que António Claro lhe propõe, permite que o instrumento de tal vingança seja Maria da Paz, convertida, sem de nada saber, em campo de batalha entre os duplicados. Movido pela lei de talião, cuja síntese é a expressão **dente por dente, olho por olho**, vingar-se-á de António usando sua mulher, Helena. A fraqueza de Tertuliano será fatal para Maria da Paz, a quem, enfim e tarde demais, descobrirá amar. Sua covardia de trágicas consequências, contudo, o alçará a um novo patamar, no qual se pode alegoricamente observar o quanto o ser humano pode fazer ao ser humano e, ao mesmo tempo, o que não pode fazer, sem produzir consequências devastadoras. Não por acaso, quando António assume o lugar de Tertuliano, o narrador declara (SARAMAGO, 2002, p.281):

Tertuliano Máximo Afonso abriu sem ruído a porta da escada, afastou-se para deixar passar o visitante e, devagar, com os mesmos cuidados tornou a fechá-la (...)

Cassandra, se aqui estivesse, não nos deixaria de recordar que precisamente desta maneira se baixa também a tampa de um caixão.

Ocorrida a tragédia da qual foi a mola propulsora, Tertuliano precisará encontrar uma forma nova de colocar-se no mundo, de uma disponibilidade efetiva de sentir-se relacionado, de ser íntimo sem sentir-se sufocado. Helena o acolhe, pode chamá-lo Tertuliano e ainda ceder-lhe o lugar de António. A descoberta do outro, cuja busca o levou a si mesmo, permitiu ao professor de História experimentar a confrontação elementar da vida e da morte na intensidade com que irromperam em sua vida medíocre.

Tertuliano e António, idênticos, odiaram-se ao limite da destruição; conheceram-se para se aniquilarem e demonstraram a impossibilidade de atingir uma realidade na qual se reconhecessem como sendo, mais que duplicados, humanos. Para além do invólucro, havia duas existências diferenciadas, que permaneceram irreconciliáveis, porque o ator e o professor secundários, transformados em objetos pelo sistema (educacional, cinematográfico) que os envolve, não têm identidade.

Por identidade, Fromm (s.d., p.102) entende a experiência que permite que uma pessoa diga legitimamente **eu** :

Eu sou eu somente na medida em que estou vivo, interessado, relacionado, ativo e na medida em que alcancei uma integração entre a minha aparência – para outros e para mim mesmo – e o âmago da minha personalidade [...] Não existem atalhos psicológicos para a solução da crise de identidade exceto a transformação fundamental do homem alienado no homem vivo.

Tertuliano reflete o paradigma do homem passivo, entediado, algo insensível, alvo de sintomas patológicos como depressão, ansiedade, despersonalização. A alegoria do duplo aponta para a validade das normas humanistas atinentes a uma sociedade que estimule o crescimento e a vivência do ser humano em vez de incapacitá-lo, torná-lo passivo. **O homem duplicado**, como todos os romances de Saramago, focaliza personagens que nos lembram que o ser humano, por ser também animal, precisa satisfazer suas necessidades materiais, mas sua trajetória é orientada pela busca e expressão de necessidades muito além da mera sobrevivência.

O método revolucionário de ensinar História acalentado por Tertuliano toca na importância de a educação contribuir de fato para aumentar a capacidade dos professores e dos estudantes para o pensamento crítico e tirá-los da posição de consumidores de informação. Saramago revela que a aparente riqueza do esforço educacional parece ser a fachada vazia atrás da qual reside uma desconcertante falta de reação às realizações culturais da história civilizada. A prática docente é mostrada nesse lugar como atividade pouco significativa da pesada burocracia educacional.

1.1 A Liturgia do Perecimento

Tertuliano Máximo Afonso e Daniel Santa-Clara /António Claro são personagens cuja concretude narrativa permite, também, que se constituam como entidades abstratas, em figurações alegóricas. Tertuliano dá existência a Daniel: vendo-o no filme B proporcionou-lhe o ser e o estar, de modo que, a princípio, Daniel se subordina existencialmente a Tertuliano.

Aceitando-se que cada indivíduo existência o universo, na morte de cada indivíduo, morre também o universo por ele existenciado. A morte, desse modo, significa o universal perecimento. Todos os que circulavam António Claro, de certo modo, morrem com ele. O perecimento de António, todavia, não tem o caráter absoluto que tem o de todas as criaturas humanas. António Claro ressuscitará em Tertuliano Máximo Afonso. Ao passo que Tertuliano terá a experiência inédita de sobreviver ao próprio funeral. Os duplos, enfim, encontram-se de tal sorte atados que o vulto de um se subestabelece no do outro. Após o acontecimento trágico, o vulto de Tertuliano é demiúrgico em

relação a Antônio, a sua presença tornou-se uma atualidade criadora da presença do outro em quem se converteu em termos institucionais (assume seu nome, seus documentos, sua casa, sua esposa).

Tertuliano morre fisionomicamente em Antônio e Antônio renasce fisionomicamente em Tertuliano, que alcança aquele estágio que Evaldo Coutinho (1976, p. 75) define como "a configuração cênica de algo privativo de minha posse: o óptico testemunho, por mim, daquele ponto intestemunhável, o ver-me como se perecido eu fora".

Absolutamente idênticos, Tertuliano e Antônio põe-se à frente um do outro e aliciam seus corpos idênticos nas malhas da mente estritamente afetada pela ótica externa. Comportam-se, ambos, como personagens aferradas ao papel que cada uma desempenha, desejando manter o papel do outro insciente, mas ao mesmo tempo incentivando-se reciprocamente com atuações que os induzem a interpretações desfavoráveis um do outro. Tão desfavoráveis que, rapidamente, chegam ao ódio mútuo. Um não suporta se contemplar no outro, Tertuliano não se compreende no intérprete que Antônio representa e vice-versa. Os antagonistas, entretanto, são ambos absurdamente comuns.

Ainda que exatamente iguais, é certo que cada um deles representa um ser à parte, pois sucessivamente se pode ver um e outro, cada qual inscrito em suas fronteiras particulares, mas um não admite firmar a individualidade do outro, obviamente dificultada pela igualdade que externam. Para que a individualidade dos duplos se pudesse firmar, impunha-se a necessidade de que outrem, na incapacidade de eles mesmos o fazerem, assinalassem os indícios diferenciadores. O existir singular de cada um dependeria da presença existenciadora de outras personagens, impedidas de aceder à arena em que se confrontavam.

O cão Tomarcus, Maria da Paz, namorada, e Carolina Máximo, mãe de Tertuliano; e Helena, a mulher de Antônio Claro, pouco demorariam a promover a distinção que os duplos mostram-se incapazes de fazer. Não foram chamados a tanto; apenas Maria da Paz terá a dolorosa chance da individuação (a marca da aliança no dedo de Antônio, inexistente no de Tertuliano), em circunstâncias trágicas.

Cada um dos duplos quer manter o seu **álbum** apenas para si, não suporta a presença rival do outro, ambos movidos por uma sublevada urgência de autoconservação, cegados por uma naturalidade egoística que os leva a ocultar dos que o cercam a existência do outro idêntico. Esse ocultamento, então, desencadeará a cenografia dos perdimentos de que é pródigo o penúltimo capítulo. Ambos, centrados na igualdade externa, tornaram-se incapazes de admitir o existir singular de cada um e, desse modo, incapazes de ser, um para o outro, uma presença existenciadora. Assim incapazes, protagonizam a extinção da existência do outro, tornando cada vez mais sombria a paridade que, ao final do romance, parece remeter ao infinito. Os duplos são, portanto, caracterizados como seres que negam ao duplicado o existenciamento, não admitem homologar-lhe lugar no mundo, repelem-se como azeite e água. Convém ressaltar que, no romance em análise, é o embate entre as alteridades discursivas, e não a extraordinária igualdade física, que responde pela força narrativa.

O perecimento de Tertuliano no perecimento de Antônio, com quem trocara de identidade no episódio da vingança, o obrigará a montar e remontar os painéis de sua existência, a incluir e excluir lugares, pessoas, enfim, a preencher e esvaziar nominações, a exemplo de nome próprio, profissão, estado civil, relações de parentesco etc.. Tudo somado, Tertuliano e Antônio protagonizaram um naufrágio absoluto em que para um submergiu o barco e para o outro, as águas. Para um, a morte; para o outro, a assunção em si da alteridade anteriormente não reconhecida (SARAMAGO, 2002, p.298):

Tertuliano Máximo Afonso, de acordo com todas as probabilidades convertido em Antônio Claro para o resto da vida, compreendeu que não tinha onde acolher-se. Em primeiro lugar, a casa que antes chamava sua pertença a Tertuliano Máximo Afonso, e Tertuliano Máximo Afonso está morto, em segundo lugar não pode ir daqui à casa que era de Antônio Claro e dizer a Helena que o seu marido morreu porque, para ela, Antônio Claro é ele próprio (...).

1.2. Intuição Cosmogônica

A vida e a morte se justapõem aos olhos de Tertuliano em simultaneidade, a vida passará a exigir dele que se espreite como se morto estivesse. Essa exteriorização da morte exigirá do professor de História uma nova investidura, uma capacidade máxima de se disseminar no repertório do outro, dada a fratura sofrida pela totalidade que delimitava os seres de Tertuliano e António.

A existência dos duplos no romance de Saramago remete ao tema da despersonalização contemporânea, pois a concreta identidade da figura externa põe em evidência a crise de identidade interna, sucumbida aos apelos exteriores que fazem esquecer a primazia desta. Essa primazia pode ser entendida nos seguintes termos, conforme Evaldo Coutinho (1976, p. 146):

Sou o único, em mim, a se pôr atrás de todo acontecimento, e por abrangido que me encontre no seio de meus contactos, resta-me sempre o ensejo de sobressair-me, no tocante a mim próprio, pela circunstância de ser eu o depoente que mais sabe de quanto eu vira e ouvira, dado que o meu conhecer é o mais completo e sem concorrentes em mim.

Tertuliano chega ao **eu**, que é necessariamente tangenciado pelo outro. Alcança a compreensão de que o eu é um lugar inacessível aos demais, duplicados ou não, mas dá-se a conhecer no outro, que lhe outorga existência. Esse saber lega-lhe a sacrifício de Maria da Paz, sobre o qual assume a responsabilidade indireta (SARAMAGO, 2002, p. 297):

Morreu, mas logo outra palavra lhe veio tomar o lugar, e essa gritava, Mataste-a [...], matou a ele, Tertuliano Máximo Afonso, matou-a sua fraqueza moral, matou-a uma vontade que o tornou cego para tudo que não fosse a desforra, foi dito que um deles, ou o actor, ou o professor de História, estava a mais neste mundo, mas tu não, tu não estavas a mais [...] tu sim, eras única, como cada pessoa comum é única, verdadeiramente única. Diz-se que só odeia o outro quem a si mesmo se odia, mas o pior de todos os ódios deve ser aquele que leva a não suportar a igualdade do outro, e provavelmente será ainda pior se essa igualdade vier a ser alguma vez absoluta.

A figuração alegórica do duplo evidencia o quanto o ódio ao outro é fruto sobretudo da semelhança, da contingência melancólica de sermos todos humanos e mortais, incapazes de perceber que a manutenção do ser depende do outro que o acolha em seu repertório, que lhe reconheça a existência. Tertuliano e António são personagens que dimensionam o quanto cada ser humano se consagra à sua própria vida como se fosse uma redoma segura orientada por sua exclusiva direção, quando, em verdade, no dizer de Coutinho (1976, p.163):

[o ser humano] se dispersa nos repertórios alheios; e, na vigência da dispersão, acontece que, sobrevivendo a morte no campo das testemunhas, dos sabedores do repertório, este, sem que o perceba o dono, se faz perecer em toda integridade, tantas vezes quantas são as mortes.

A dispersão antes referida é alegorizada vivamente na troca de identidade fatal para ambos (a morte de um no papel do outro) que embaralha os duplos para sempre. Tertuliano, embora seja o sobrevivente, foi inexoravelmente atingido pelas mortes em sua proximidade, a de António Claro, sobretudo, e a de Maria da Paz. Ao cabo, Tertuliano se mostra lúcido e trágico, porque o destino (o outro) lhe reserva uma surpresa no capítulo final, que reduzirá, definitivamente, a nada a isenção que sempre almejou.

O duplo, nas mãos de Saramago, é um topos simultaneamente literário e filosófico, porque suas personagens, Tertuliano e António, têm como papel dizer a relação universal das ilusórias e loucas contendas protagonizadas pelo homem ordinário que os duplos representam na obra analisada, os dois postos, para além da extraordinária identidade, como figurantes obscuros da vida, cada um em busca do encontro consigo mesmo que só o embate com o outro pôde facultar.

A inquietação monocêntrica de Tertuliano face a António Claro – saber quem é o original e quem é o duplicado – dialoga com a cópia como sucedâneo do original, sem inicialmente aventar a possibilidade do simulacro, do fantasma excêntrico e divergente (cf. PERRONE-MOISÉS, p. 6-7). A narrativa revela que o original de quem Tertuliano é a cópia haverá de forçá-lo a converter-se em simulacro, uma cópia degradada, pois a cópia é a aparência igualmente legítima de essência e o simulacro nega o original e a cópia, instaura o descentramento. Assim, pode-se dizer que a cópia reproduz o mesmo e o simulacro produz a diferença, como semelhança simulada. António Claro é o original de Tertuliano e este, como cópia, reproduz, sem subverter, alguns de seus passos para o abismo. Mas a cópia que Tertuliano é, extinto o original, revitalizará a força produtiva do ator que se mascara e se multiplica, a força descentralizadora que lhe permitirá assumir uma orientação voltada para o futuro reinventado à maneira do original, cortando os fios que o atavam ao passado para reproduzi-lo sem diferença, à maneira do professor de história. A Tertuliano não importam mais o original ou a cópia, importa o simulacro, capaz de diluir e reinventar as fronteiras.

Original e cópia são conceitos relativos à arte e sua aplicação ao domínio biológico da identidade física, que remete ao tema contemporâneo dos clones laboratoriais, faz pensar nas pessoas abrangidas pelo cânone estético e, portanto, suscetíveis de valoração a partir de critério como o ter nascido antes, que determinaria a superioridade do original sobre uma sua desprestigiada cópia. A trajetória dos duplos faz ver que a ninguém assiste o direito de excluir o outro com base no que quer que seja e, muito menos, em princípios de originalidade. Nessa direção, Saramago parece ressaltar que a igualdade só é produtiva em termos de direitos e deveres e que, em tudo o mais, é a diferença que importa, porque dela é que surge o novo, ainda que em termos de releitura do velho.

2. Leituras e Releituras

Saramago é sempre profícuo no estabelecimento de diálogos literários e históricos e também na reverberação de ecos da mitologia, que tanto têm seduzido os artistas contemporâneos vivenciadores da fragmentação acelerada e da despersonalização de uma sociedade visceralmente industrializada e urbanizada. A própria escolha do duplo remete ao mito de Anfitrião, ao mito do *Doppelgänger* ("o andarilho em duplicata"), que tantas releituras tem merecido, como as feitas por Dumas, Jack London, Henry James, Machado de Assis, Borges. O tema do duplo é a linha mestra, à qual outras se vão entretecendo para montar os sucessivos planos de elementos em diálogo: sujeito da escritura, destinatário e textos anteriores. Sendo assim, a apresentação de replicados não se restringe aos dois antagonistas, mas se estende a alguns elementos da narrativa, que conferem ao romance um caráter de espelho no qual se refletem outros vultos, como a **Iliada**, revisitada por meio às reiterativas referências a Cassandra, filha do rei Príamo, profetiza capaz de ouvir os deuses. Sua beleza magnífica despertou a paixão de Apolo, que, rejeitado, amaldiçoou-a com a incredulidade, o que fez com que Tróia não ouvisse seus vaticínios catastróficos relacionados ao cavalo de madeira.

No romance, Tertuliano compara sua mãe a Cassandra e o narrador retornará insistentemente a essa profetiza mítica para evidenciar o quanto os humanos carecem de justa medida e o quão facilmente contribuem para a própria destruição. Paralelamente a esse impulso desordenado, infenso também às ponderações do senso comum tornado personagem, há a construção de outra frente, que remete ao livro sobre as civilizações mesopotâmicas que Tertuliano está a ler, sobretudo ao Código de Hamurabi, que o assombra em pesadelo. O referido código é um

dos mais antigos conjuntos de leis e castigos produzidas pelo ser humano e legítimo antecessor da lei de talião, que rege o comportamento dos duplos e permite ao narrador uma espirituosa digressão etimológica (cf. SARAMAGO, 2002, p.299) sobre o latim *talis* ("idêntico"), ampliadora das faces do duplo, do igual, do crime e do castigo a ele correspondente.

Essa justaposição encontra ressonância ainda na evocação mítica à caixa de pandora (cf. id., ibid, p. 275), com a qual o sujeito da escritura segreda ao leitor o quanto a curiosidade de Tertuliano em relação à Antônio Claro conduziu ambos ao encontro dos males de que Prometeu tentara, em vão, livrar a humanidade. O descuido do seduzido Epmeteu, irmão de Prometeu e guardião da caixa, permitiu que Pandora lançasse sobre a humanidade os tantos e terríveis males que até hoje a afligem. Pandora, horrorizada, fechou a caixa antes que o último mal, o que acabaria com a esperança, pudesse sair. No romance, a esperança atende pelo nome de Helena, o mesmo daquela que, na outra guerra, foi o pivô da destruição de Tróia. Também o genial e atormentado Hamlet (cf. id. ibid., p.290) é chamado à cena enunciativa, para sublinhar inequivocamente o antagonismo irreconciliável entre o professor de história e o ator de filme B, propugnado em termos de legitimidade e usurpação.

Além do diálogo estabelecido com vários elementos da literatura e história ocidentais, **O homem duplicado** reflete também os próprios romances de Saramago, numa espécie de feliz intradiálogo, que lhe permite, por exemplo, ao apresentar Tertuliano Máximo Afonso, relacioná-lo ao rol dos solitários ilustres que lhe povoam os romances, como:

(...) aquele pintor de retratos de quem nunca chegámos a conhecer mais que a inicial do nome, aquele médico de clínica geral que voltou do exílio para morrer nos braços da pátria amada, aquele revisor de imprensa que expulsou uma verdade para plantar no seu lugar uma mentira, aquele funcionário subalterno do registo civil que fazia desaparecer certidões de óbito, todos eles, por causalidade ou por coincidência, formando parte do sexo masculino, mas nenhum que tivesse a desgraça de chamar-se Tertuliano. (id. ibid., p. 10)

Tertuliano, por sinal, remete a um dos primeiros historiadores do cristianismo ao qual Saramago já havia se referido em artigo, mencionando aforismo da autoria daquele: "creio porque é absurdo". Essa confluência parece acenar para uma similaridade entre o Tertuliano romanescos e o histórico, ambos às voltas com buscas atravessadas pelo absurdo, frente ao qual precisam se posicionar. A escritura de **O homem duplicado** prolifera em alusões, menções a textos de autoria vária e de própria autoria. A narrativa frequentemente desemboca em linhas assimétricas, labirínticas, ensaísticas, que, resultantes de comentários ladeantes, de digressivos olhares do narrador, são mescladas à narração do que sucede às personagens.

Um percurso

Qualquer criador, acredita Maingueneau (2006), se posiciona ao definir percursos no intertexto, sendo essa a via que indica qual é, para o escritor, o exercício legítimo da literatura. O intertexto consiste em um gigantesco *corpus* em que cada obra revela ser composta por uma multiplicidade de outras e, assim sendo, remete àquele sonho borgiano da totalidade dos livros no recinto de uma única biblioteca, ao sonho da biblioteca contida em um único livro.

O discurso literário de Saramago mantém uma relação essencial com a memória, com as marcas legadas pela tradição, sendo essa a razão pela qual, no exercício de Saramago, o romance se confirma como produto literário marcado por uma indeterminação genérica constitutiva, que leva o narrador/autor de seus romances a eles se referir, na narrativa, como **relatos**, para caracterizar apenas uma parte da realidade comunicativa do texto em que se imbricam ficção e

ensaio. Como diz Saramago, o romance deixou de ser um gênero para se tornar um lugar literário aberto a múltiplas possibilidades.

É desse lugar que o autor de **O Homem Duplicado** anuncia a seus leitores que se o encontro dos duplos, por um lado, desencadeia paixões nefastas, orientadas para a exclusão mútua, por outro, sugere a convicção de que é possível encontrar as soluções necessárias para o bem-estar humano com a ajuda da razão e com o amor apaixonado pela vida (representado sobretudo pelas figuras femininas), capaz de deter a irracionalidade e o ódio. A caixa dos males foi reaberta e *Elpis* permanece, por ora, a salvo.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, Joseph. **Mitologia ocidental**. São Paulo: Palas Atenas, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FROMM, Erich. **A revolução da esperança**. Trad. Edmond Jorge. São Paulo: Zahar, s.d.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹ **Sandra FERREIRA, Doutora**
(UNESP/Assis, Departamento de Lingüística)
E-mail: san@assis.unesp.br